

Na leitura do caderno escolar do Curso de Pedagogia PUC/PR 2011 – 2013: descrição e tradução de grafias e usos

Doris Carmenza Monroy Albarracín¹

Resumo: Este texto é um exercício descritivo da aproximação ao caderno escolar, no intuito de expor as categorias de análise que surgem no primeiro encontro com dito artefato, sob o interesse de interpretar as representações que nele refletem ao estudante de pedagogia PUC/PR. Faz parte de um estudo inserido na História da Educação, apresentando o caderno como fonte indicativa de subjetividades de quem o usa, na sua relação com saberes escolares, exibindo detalhes que tentam situar a priori a particularidade do indivíduo (HELLER, 2000). A partir dos questionamentos: Quais os critérios para configurar uma estrutura de análise? Como decifrar os códigos que o caderno oferece? Se estabelecem categorias suportadas na especificidade do objeto, tendo a base teórica da História Cultural (CHARTIER, 1990), da História Social da Cultura Escrita (GÓMEZ, 2012) e de conceitos em torno da grafia (KANDINSKY, 2003). Se consideram além algumas pesquisas desenvolvidas nos últimos cinco anos, que entendem o caderno como fonte que desvela práticas: Mignot 2008, Oliveira 2008 e Cunha 2013. Resultado parcial deste estudo é o encontro de recorrências, inovações, alternâncias, sequências e marcas afins ao uso (CERTEAU, 1996) que o estudante da ao caderno como espaço de registro e ferramenta de trabalho, para concluir que este transcende a materialidade e mostra apropriações e práticas do dono e seu contexto.

Palavras-chave: caderno escolar, história cultural, História Social da Cultura Escrita.

Introdução: contextualização de um processo de descoberta

O objetivo deste artigo é desenvolver o que em palavras de Geertz (1989, p. 7) é uma “descrição densa”, uma “construção das construções de outras pessoas”; neste caso, uma exposição detalhada do caderno escolar, abordado em uma perspectiva Histórico Cultural e de Design na tentativa de traduzir traços e usos evidenciados nele. Dita apresentação da conta de um processo que segundo o referido autor inicia com o exercício de escolha que permitirá “construir a leitura de” o caderno como manuscrito que fala da particularidade do estudante, na configuração de categorias de análise, para finalmente observa-lo na sua materialidade.

Nesse contexto, faz parte de uma dissertação na qual interessa conhecer a particularidade de três estudantes do curso de pedagogia PUCPR², reflexada nos seus cadernos dos anos 2011 a 2013, correspondentes aos períodos 1º. ao 6º., mesmo que só dará conta do material de uma estudante. A pesquisa ancorada num exercício interdisciplinar conjuga a perspectiva da História Cultural e de Teorias básicas do Design, enquanto a

¹ Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na PUC/PR. Bolsista OEA/Coimbra. Designer Gráfica Centro de Diseño Taller 5, Licenciada em Línguas Modernas Universidad de La Salle – Bogotá/Colômbia. E-mail: dorcinha@gmail.com

² No intuito do análise de práticas escolares atuais, os cadernos foram fornecidos por estudantes que os tinham conservado.

primeira proporciona elementos desde os quais entender e aprofundar na relação *indivíduo* – representação compreendendo esta como parte das práticas Chartier (1990), apoiando-se além em teóricos como Geertz (1989), Heller (2000), Certeau (1990, 1996) Elias (1939, apud CHARTIER, 1990), para ampliar e esclarecer conceitos fundamentais referidos a cultura, cotidiano, uso, *hábitus*, respectivamente, e a segunda se focaliza na análise da grafia e a disposição da informação no plano, segundo Kandinsky³ (2003).

Assim, sendo parte de um estudo que se envolve na História da Educação enquanto se procura a apreensão do caderno como documento, que, parafraseando Julia (2001), envolve um conjunto de normas e *práticas* que dão conta de conhecimentos e de comportamentos que podem variar segundo as épocas. Interessam as práticas, que dentro e fora da sala de aula tocam aspectos da cultura escolar e que a partir da base teórica da “arte de dizer” de Certeau (1996), na compreensão da escrita como uma forma de expressão, e da “arte de fazer”, perpetram o caderno como espaço de registro e ferramenta de trabalho, receptor de marcas cotidianas que falam de quem o porta.

Quando se afirma que as teorias básicas do Design darão luzes na tentativa de complementar a interpretação do uso da grafia, significa que responderão à necessidade não só como suporte teórico em torno ao traço como expressão, mas também à da “crítica estética” Chartier (2004), tendo em conta que a pesquisa não se focaliza na “lógica lineal” e na ordem sequencial dos textos anotados no caderno, e sim na “lógica gráfica” imersa na direção dos traços, na sua força, coloração e disposição no papel.

A partir daí, essa descrição acontece num exercício de narrativa historiográfica, atendendo Chartier (1990, p. 82) quando explica “a história é sempre relato, mesmo quando pretende desfazer-se da narrativa”, o que complementa na consideração de ordem sequencial, temporalidade, personificação, causalidade, estruturas e figuras presentes na narrativa histórica.

No olhar ao invisível

Colocadas as bases teóricas que suportaram o estudo, é preciso dar um olhar ao processo empírico que acontece no primeiro encontro com os cadernos para situar o surgimento das categorias ou “códigos a decifrar”, conforme aponta Geertz (1989) que

³ KANDINSKY V. (1866-1944) Artista russo, pioneiro da arte abstrata. Teorizou sobre a emoção imersa no traço.

orientam a interpretação do documento analisado: o primeiro encontro inicia na satisfação de ter uma mostra importante de fontes, e que pretendendo seja uma apreciação geral, vira um olhar ansioso de quem tenta abordar o conjunto de páginas “nuas” que ao tempo, lotadas de informação, estão para ser lidas. A soma de cores, letras, signos, desenhos, lembretes, datas, linhas, grampas, rasuras e tipos de letra que “falam” comunicando pressa, interesse, desconforto, concentração, tensão, confiança; faz de cada virada de página o encontro de recorrências, inovações, alternâncias e sequências que além de serem detalhes delatores de singularidade, (OLIVEIRA, 2008), se convertem em marcas enquanto constantes. Aparentemente aqueles traços são comuns, sob a ideia de que fazem parte do processo de aprendizagem da estudante, mas resultam importantes justamente porque são formas específicas com que ela se apropria (CHARTIER, 1990) da informação e a representa no caderno dando conta do que decidiu fazer no momento e do significado que teve determinada conhecimento para ser registrado.

Essa primeira percepção visual do documento por parte do pesquisador, corresponde ao momento de observação desde o qual se desenha a base de mapeamento da investigação e que ao longo do estudo irá tomando forma, na tentativa de “estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 49), enquanto interessa “desnaturalizar o naturalizado e questionar o óbvio” (BRIALES, 2009, p. 109). Nesse sentido, se inicia a estruturação de categorias de análise, desde a ideia de “particularidade” inscrita no conceito do cotidiano, que em Heller (2000) é próprio do dia a dia de cada pessoa, que faz com que ela seja única, mesmo compartilhando uma cultura com outros, para tentar traduzir intenções das práticas que na sua constância viram “ordinárias”.

Estabelecendo formas de aproximação

A partir da “arte de dizer”, que em Certeau (1996) é ao tempo “arte de fazer”, se considera a *recorrência*; ou seja, aquilo que se torna repetitivo nas anotações dos estudantes na escrita, nos desenhos e no uso das gravuras, independente da matéria, e se destacam a *força*, a *forma* e a *cor* dos traços que segundo Kandinsky (2003) são elementos que exprimem propósitos, neste caso, da estudante.

Em concordância com o anterior, se acha pertinente adentrar nos assuntos de cor antes de continuar com as práticas, pois especificamente chama a atenção o uso da vermelha, uma cor ativa, de tendência cálida e clara, que transmite força e energia, conforme Kandinsky (1989), e que contrasta com a preta, a azul (de outras tintas), ou a branca (do papel); presumindo-se seu uso comumente nas instituições educativas e em outros âmbitos, para destacar, corrigir, assinalar, alertar, penalizar. A noção do conceito de contraste⁴, mesmo assimilado pelo mercado, é um fato estético que transcende práticas formativas e culturais.

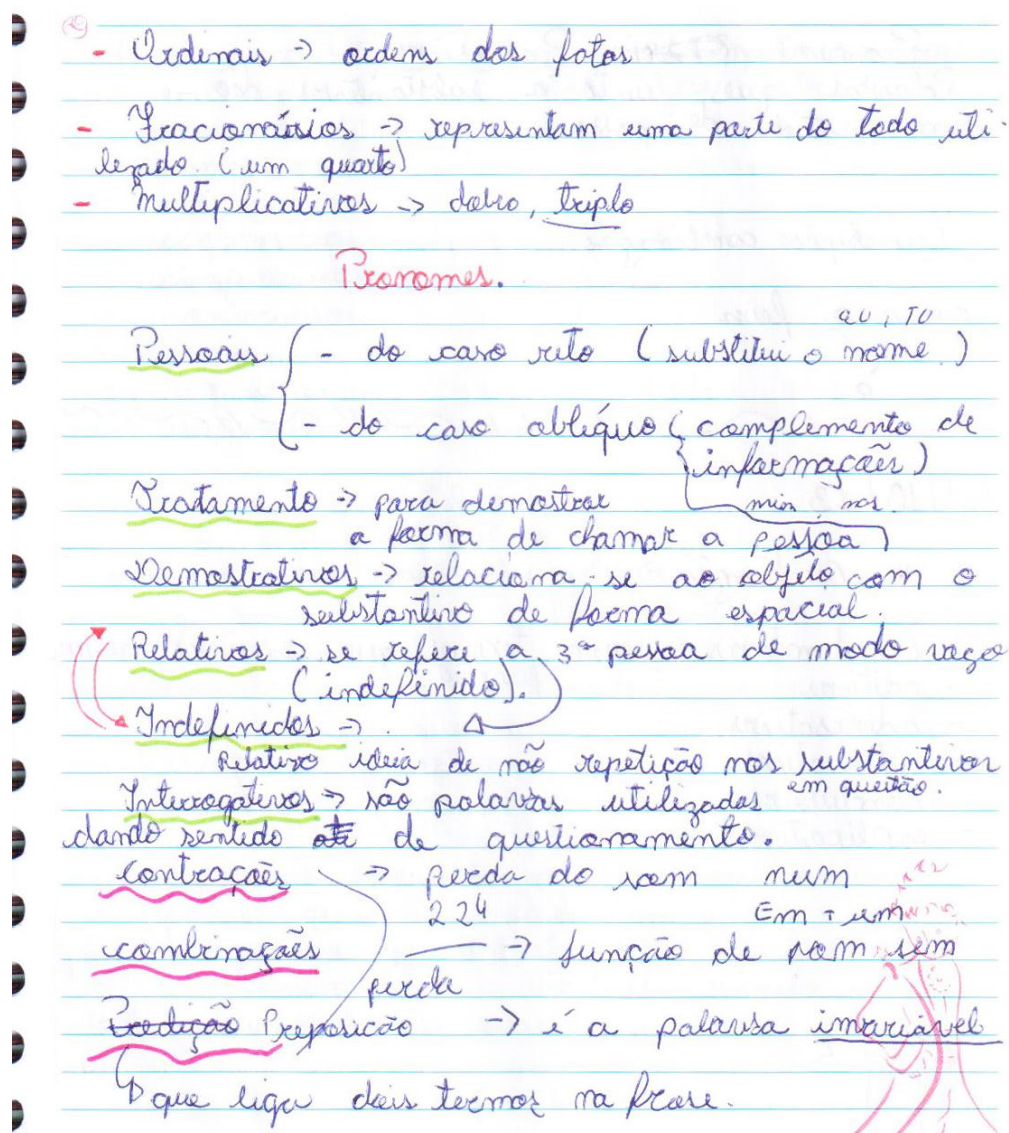
Sendo a cor inerente à grafia, não se considera categoria de análise, mas se nomeia com frequência, pois é um aspecto básico que faz possível achar em uma mesma página todas ou muitas destas recorrências: hierarquização da informação, rabisco, destaque e direcionamento com signos. Ver figura 1.

A hierarquização que na sua recorrência se faz uma marca enquanto é um aspecto constante ao longo dos cadernos analisados, acontece de varias formas proporcionando elementos gráficos como a tipografia, a cor, a posição, o tamanho, o estilo e a locação das palavras, valiosos na investigação histórico-educativa

para conhecer a competência dada às mãos que escrevem, assim como as formas textuais e a disposição do escrito sobre a página, pois permitem proporcionar substanciais considerações em função das disciplinas transpostas para os cadernos e os métodos de ensino (GÓMEZ, 2012, p. 68):

⁴ Contraste: combinação de qualidades opostas relacionadas. Diferencia essencial de luminosidade no campo da percepção que faz possível a visão, o que será impossível num campo totalmente homogêneo. <http://www.arts4x.com/spa/d/contraste/contraste.htm> . Acesso em : 19/07/14

Figura 1. Exemplo de hierarquização, rabisco, destaque, correção, direcionamento com signos.



Fonte: SIQUIERA, Ana de. Curso de Pedagogia. 6º período, 2013. Matéria: Metodologia do ensino de língua portuguesa, p. 27

- A continuação, formas de hierarquização que a aluna estabelece nos seus cadernos:
- usa a cor como recurso de destaque: as cores por excelência são vermelho, roxo, rosa, amarelo, verde neon ou cinza para escrever ou sublinhar aquilo que acha importante: (encabeçados, datas, ideias) ou bem intercalando as cores básicas da escrita na ausência de cores vivas colocando, por exemplo, os títulos com caneta azul e o corpo do texto com caneta preta (a que predomina no corpus dos cadernos).
 - sublinha títulos, subtítulos, ideias importantes, e datas, usando diferentes tipos de linha: reta, curva, ondulada, zig-zagueada, dupla. Esse sublinhado, como se falou acima, pode ser de uma cor diferente ou da mesma cor do texto a destacar; por exemplo, é

evidente que enquanto escreve um parágrafo e acha interessante uma ideia, a sublinha no mesmo momento da escrita com a mesma caneta, e continua a escrita. Igualmente, na colocação de datas que lembram tarefas e provas é enfática no sublinhar do número do dia, geralmente colocando dupla linha. No caso de títulos e subtítulos é mais comum que tente estabelecer maior atenção na parte estética e troque de cor.

c) utiliza tamanhos de letra diferentes, que geralmente são maiores, nos textos a destacar, o qual depende também do estilo de letra que usa para escrevê-los. Assim utiliza a letra *versalita*⁵ para aquela informação inesquecível ou valiosa, diferenciada da letra *cursiva*⁶ que usa ao longo dos cadernos, alternando entre uma e outra letra.

d) *repisa* textos completos, segmentos de palavras, ou signo que apoiam o destaque, por exemplo, as setas ou as linhas no caso de uso de vinhetas⁷.

e) localiza o texto em espaços estratégicos; por exemplo, os títulos no centro da página, os subtítulos justificados à esquerda, os lembretes no centro ou com tendência a sair da margem.

f) usa vinhetas, de maneira reiterada e inovadora; além da sequência à informação, é dizer a ordena sucessivamente, inventando traços novos ao longo dos quatro cadernos revisados. Emprega signos variados, sendo geralmente distintos tipos de setas, de asteriscos, linhas e diferentes tipos de pontos.

g) fecha os textos em globos, quadros, linhas inacabadas, nuvens, como outras formas de hierarquizar a informação. O uso de esse tipo de encerramentos desloca visualmente a informação do conjunto plano do texto. De este modo, na utilização de outras cores, e formas, a aluna coloca esta normalmente em extremos da página, chamando a atenção ao olhar e atingindo o destaque da informação.

Sob a ideia do caderno como fonte de pesquisa que permite examinar as práticas escolares, Mignot (2008), se interpreta no ato do rabisco a pouca preocupação pela aparência do caderno e mais interesse na captura de “maior e melhor” informação, que permite rasurar, corrigir, fazer de novo. O que da conta dos processos de apropriação e representação, não só porque a aluna faz um exercício de leitura e escrita que reconsidera, reconhecendo o erro e colocando de novo a informação correta, transmitindo independência e propriedade frente à materialidade da grafia, ao caderno e ao assunto.

⁵ *Versalita*: tipo de letra que mistura maiúsculas com minúsculas na mesma palavra, na qual a altura das maiúsculas é o mesmo que das minúsculas.

⁶ *Cursiva*: tipo de letra que geralmente tem inclinação à direita, sendo entendida esta inclinação como *itálica*, e na que comumente se enlazam uma atrás outra as letras.

⁷ *Vinhetas*: utilização de signos para destacar listados.

Na percepção do caderno como elemento de *apropriação*, está a base deste conceito que, desde a História Cultural indica condições e processos que determinam a construção de sentido em cada leitor, a partir de seus próprios códigos de leitura e do contexto, Chartier, (1990), assim, no caderno se desvelam processos de construção de significados que surgem no processo de formação do estudante; para destaca-lo como objeto testemunha, Cunha (2013), da época e o contexto desde o qual inferir sobre personalidades, interesses, experiências, culturas, identidades, projeções e práticas cotidianas do dono.

O destaque das datas chama a atenção, pois mesmo que não é constante na escrita o encabeçado com a sequência das aulas, é enfática no lembrete das datas para cumprimento de responsabilidades: provas, tarefas, reuniões, práticas, etc. Esses lembretes são colocados em lugares assimétricos com respeito ao papel, em tamanhos maiores e sublinhados, adquirindo várias vezes à soma de todos os médios de destaque usados para o corpo do texto.

Dentro da recorrência, da inovação e da sequência está o direcionamento da leitura por meio de signos, que paulatinamente vão se incrementando, sendo apenas notório no caderno do primeiro período, e constante no caderno do sexto. A seta é o signo básico com que a estudante conecta a informação e orienta a leitura em diferentes sentidos, por isso é considerada uma marca, segundo Oliveira (2008), pois incluso inventa o traço de uma “ponta de seta”, que sendo suave na sua firmeza, é grande em tamanho e forte no impacto que tem, pois é uma linha angulosa, que direciona o olhar geralmente à direita, e que é carregado de tensão, Kandinsky (2003) nesse encontro de linhas opostas diagonais.

Seja oportuno deter-se na ideia de “tensão”, que parafraseando a Kandinsky (2003), caracteriza a forma nas forças que lhe são inerentes, para sublinhar os recursos que utiliza a estudante no seu interesse de enfatizar. O realce dos lembretes que sai das margens rompendo com a harmonia do sugerido pelo desenho do caderno, aplica forças que atingem com a função de “chamar de atenção” do leitor. Também logra tensão com o uso da cor em textos dentro do espaço de escrita para fazer chamados à vista, e logrando novamente romper com a uniformidade da cor preta o azul, o vermelha do corpo do texto (que habitualmente usa), para dizer que é preciso olhar para um texto colorido. Desta forma, a aluna se vale constantemente de signos que não permitem monotonia nas suas representações.

Em termos de uso, a maioria das páginas transmite certa sensação de desconforto no momento da escrita, na pressão que exerce com a caneta sobre o papel, maltratando-o e gerando umas páginas duras, que produzem inclusive um som forte no virar.

Em concordância com o anterior, a ideia da “arte de fazer” Certeau (1996) explica o conceito de “estilos” de fazer algo, os modos de emprego de algo e a criatividade que isso envolve. Nesse sentido, além da escrita como expressão está o agir da jovem frente ao caderno, a sua relação com ele, reflexo da sua apropriação e representação dos conteúdos, que sendo um exercício acadêmico que geralmente acontece na sala de aula, envolve inevitavelmente a aluna como ser humano particular.

Frente à materialidade do caderno

Na concepção do caderno como elemento material, definido como “folhas de papéis agrupadas protegidas por uma capa” (MIGNOT, 2008), partimos do tipo de caderno que a estudante usa, pois resulta invariável a utilização de cadernos grandes (200 mm x 275 mm), de 200 folhas, desenhados para 10 matérias, de capa dura, com acabamento de espiral, plastificados e de um valor que pode estar em torno dos R\$25,00 a R\$30,00. Adornados na sua capa com a imagem de um personagem ou literário ou animado: o Pequeno Príncipe⁸ (em dois cadernos), a Penélope Chamosa⁹ e a Pucca¹⁰. O caderno se torna um objeto de consumo, conforme aponta Mignot (2008), que vende imagens na sua exterioridade, no qual a portadora exprime, segundo Oliveira, (2008) “marcas da singularidade”, pois a estudante leva e usa um objeto que fala dela em termos do feminino, infantil, filosófico, sensível, inteligente, e que além no tamanho, custo e qualidade transmite investimento.

Por outra parte, dando atenção para as referidas marcas, e o uso e que a aluna da ao caderno, estão as distintas formas de transgredi-lo, as que serão classificadas em transgressões físicas e transgressões simbólicas, segundo a forma em que se percebem.

As transgressões físicas: aquelas que como o nome o indica, deterioram o caderno como objeto na sua materialidade com certa consciência do ato, nas que estão o uso de grampas, clips, rasgadura de folhas, o dobrar das folhas, o experimentar canetas nas folhas de escrita, o colar papéis, o tirar folhas, o colar pedacinhos de folha com fita.

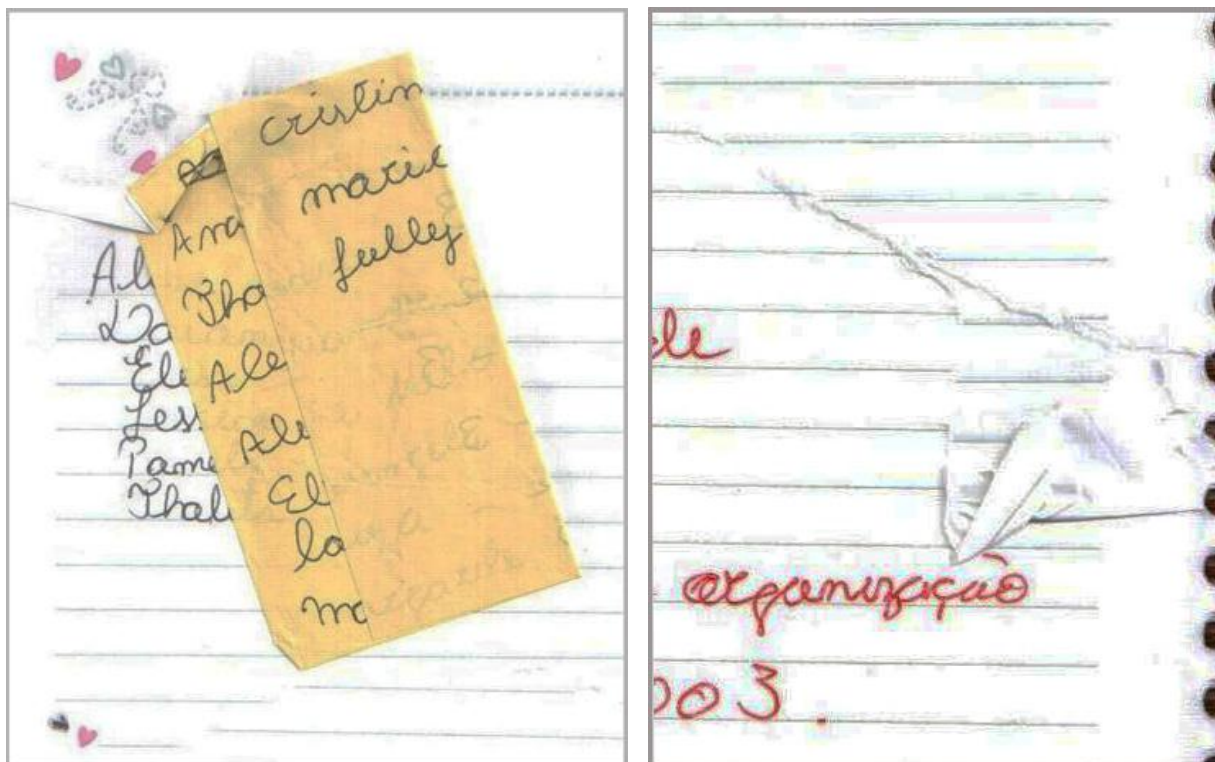
⁸ O pequeno príncipe: personagem literário protagonista na obra com o mesmo nome, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, publicada em 1943. Aparentemente é uma obra infantil, mas possui um grande conteúdo poético e filosófico.

⁹ Pucca: Personagem sul-coreano animado da serie de Disney XD, com seu nome. Caracterizado pela inteligência e poder de Pucca para resolver problemas e pelo seu amor por Garu. Produzido no ano 2000.

¹⁰ Penélope charmosa: personagem animado da Hanna-Barbera, que veste sempre de rosa e experta e aventureira sempre consegue sair bem librada com seus amigos da "Quadrilha de Morte". Criada em 1969.

Na figura 2 se apresentam detalhes em que a estudante transgrede fisicamente o caderno. A imagem da esquerda mostra como dobra uma folha para gerar uma espécie de grampa que assegura um papel e a imagem da direita apresenta duas páginas rasgadas, onde uma além ficou rugada.

Figura 2. Algumas transgressões físicas



Fonte: SIQUEIRA, Ana de. Curso de Pedagogia. 3º período, 2012. Penúltima página do caderno.

As transgressões simbólicas: que se referem ao que faz a estudante na sua escrita e no seu agir, talvez sem o propósito de descompor o caderno, mas obviando o sugerido pelo desenho do artefato, é dizer, considerando-o só um objetivo funcional de registro. Nesse sentido está: amontoar a informação, pular no uso das páginas, ignorar as margens e as linhas de escrita, desenhar acima dos desenhos do caderno ou agregar-lhes formas, desgastar o papel com a força física da escrita e destinar a parte final a espaço pessoal.

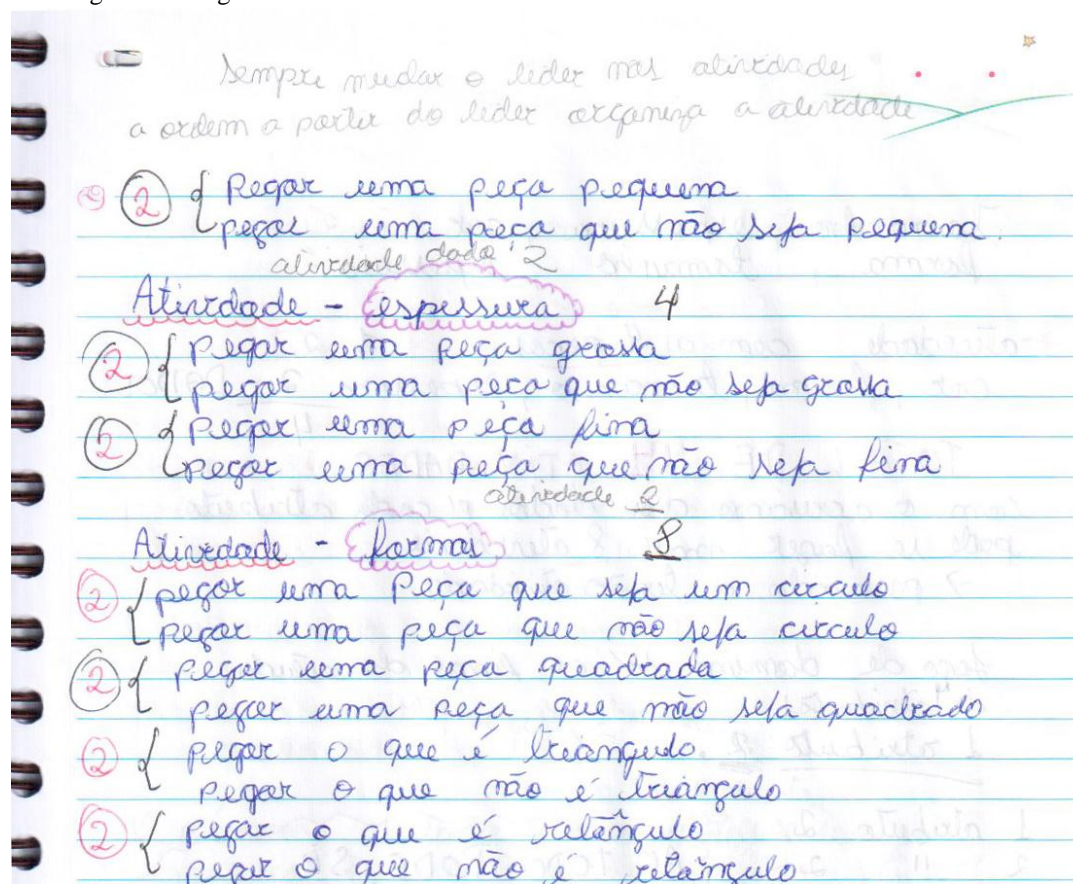
Em variadas ocasiões a aluna amontoa a informação em algum extremo da página, escrevendo acima dos desenhos do caderno, criando novas linhas de escrita, saindo das margens, o que permite pensar no interesse na poupança, Certeau (1996), mas também pula entre páginas, deixando em branco até duas folhas seguidas interrompendo a sequência da escrita, que se traduz em desperdício de papel e espaço. O desenho acima dos desenhos

próprios do caderno ou a adição de novos traços junto com a determinação das páginas finais do caderno à vida pessoal, onde particularmente manifesta seus afetos familiares, o que se traduz em afastamentos eventuais do cotidiano acadêmico, cuja validade se suporta na teoria Mignot (2008, p. 12):

o significado afetivo de determinadas palavras e ideias conduz a uma percepção do mundo. [...] A dimensão emocional de todo contexto sócio histórico também está presente na escola, é o caderno escolar, por médio da palavra escrita, serve como forte documental da transmissão desse esquema cognitivo-emocional.

Na figura 3, se observam transgressões simbólicas num mesmo segmento de página. Percebe-se a força física com que o texto transpassa o papel; se nota igual que a aluna coloca informações fora das linhas de escrita e da margem superior e que escreve os números fora dos limites sugeridos no caderno.

Figura 3. Algumas transgressões simbólicas



Fonte: SIQUIERA, Ana. Curso de Pedagogia. 6º período, 2013. Matéria: Metodologia do ensino da matemática, p. 7.

O anterior, sem a mínima ideia de julgamento ao agir da jovem, é só uma tentativa na aproximação à relação estudante/caderno, sendo este um objeto da sua pertença frente ao qual ela toma decisões. O anterior permite fazer uma articulação com o conceito do *habitus* (ELIAS, 1939, apud CHARTIER, 1990, p. 117) definido como “os controlos conscientes do ego, produtores das ideias claras e dos pensamentos aprendidos como tais, e os controlos inconscientes, automáticos das pulsões”, pois todas aquelas ações da estudante são amostras do que ela é, incluso das suas prioridades, é dizer que mesmo sabendo a função das margens como limite, transpassa esses contornos enquanto precisa de um espaço que é seu.

Ante a pertença de um objeto

Considerada dita relação estudante/caderno em termos de uso, se traduz a pertença desse objeto como ferramenta de trabalho e como espaço de construção de identidade, Cunha (2013), sob a qual se suportam aspectos observados como a tentativa de diagramação, os traços espontâneos, o uso dele como pasta, o aproveitamento e descarte dos serviços sugeridos num artefato cuja finalidade deve ser facilitar o agir académico.

Porém, no pouco interesse pela estética no registro, aparecem alternadas pinceladas de diagramação com a qual a jovem estabelece certa ordem iniciando os parágrafos com sangria na primeira linha, imitando a estrutura de artigo académico, numa estrutura agradável à vista. Também desenha “caixas de texto” com palavras chave seguindo um pouco o modelo dos livros didáticos. No mesmo sentido, o uso de colchetes sendo intermitente, é um recurso na organização da informação, com o qual joga com os espaços livremente orientando a leitura em distintas direções.

Os traços espontâneos se encontram nas mesmas páginas onde a estudante trabalhou, o que permite deduzir que aconteceram no momento da aula, pois, alguns deles não foram acabados. Mais do que desenhos, são complementos aos desenhos propostos pelo caderno, são linhas repisadas, coloração de imagens ou adição de traços ao desenho base. A colocação de papeis dentro do caderno, geralmente no início de cada matéria, sendo possivelmente casual, sugere o interesse na conservação de informação dentro de um objeto que relacionado com esta, pode mantê-la segura, chegando a assinar-lhe ao caderno a nova função de pasta para folhas académicas.

Na perspectiva de funcionalidade, o caderno oferece vários serviços que a estudante aproveita além das páginas de escrita: o espaço sugerido para datas em cada página, as

páginas de início de matéria; nas que escreve só o nome da matéria, do professor e a sala; eventualmente usa os horários e os bolsos, e muito pouco os adesivos decorativos que oferece o caderno, enquanto os adesivos funcionais para marcar a matéria, ela usa. Mas são vários os serviços que ela descarta, em primeira instância todas aquelas possibilidades ao lazer, o qual explica novamente a sua focalização no assunto acadêmico; só que ao mesmo tempo está esquecendo dos espaços para planejamento de atividades, como as tabelas de lembrete de datas, provas e tarefas, preferindo criar seus próprios lembretes e tabelas de planejamento nas páginas finais.

Considerações finais

Colocadas as categorias desde as que se inicia a aproximação às apropriações, representações e usos do caderno, numa abordagem Histórico-Cultural pode-se sublinhar segundo as palavras de Geertz (1989) que “o caderno é um contexto onde é possível ler” o comportamento criativo, autônomo de uma estudante consciente da funcionalidade, da estética e da ordem. Por outra parte, na perspectiva da História Social da Escrita, apoiada no Design, se valida a linguagem visual imersa no traço e sua colocação sobre o plano. Para compreender o caderno uma janela à cultura escrita da estudante na interpretação de linhas, cores, formas, tensões e espaços.

Assim, na tentativa de descrição densa, e na apresentação do achado relevante em tanto recorrente, inovador, sequenciado e alternado, se percebem marcas de feminidade, força e exigência no interagir com o objeto, as grafias e os saberes; o que permite situar o caderno na História da Educação, como um elemento que transcende o papel de espaço de registro, para possibilitar a aproximação à particularidade que desvela intenções e práticas próprias do contexto educativo.

Referências

BRIALES, Mariana. El cuaderno de clase como fuente de análisis de la realidad escolar. In HUERTA H. José., BLANCO S, Laura e MIRANDA P, Iván. (orgs.). **Temas y perspectivas sobre educación. La infancia ayer y hoy**. Salamanca: Editorial AJITHE, 2009, p. 109-120.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel. 1990.

_____. Conversa com Roger Chartier. **Observatório da imprensa**, Rio de Janeiro, n, 304, 23 nov. 2004. Entrevista concedida a Isabel Lustosa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/conversa_com_roger_chartier> Acesso em 06 jul. 2014

CUNHA, Maria. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11, 2013, Curitiba. **Viver e escrever: Cadernos e escritas ordinárias de um professor catarinense (Século XX)**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná: PUCPR, 2013. v. 01. p. 46-60.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Editora LTC. 1989.

GÓMEZ, Antonio. Educação e Cultura Escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação- PUCRS** - Porto Alegre, v.35, n.1, p.66-72, jan/abr 2012.

HELLER Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Editorial Paz e terra, 2000.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados/SBHE, jan./jun. 2001, n. 1, p. 9-43.

KANDINSKY, Vasile. **De lo espiritual en el arte**. México D.F.: Premia editora, 1989.

_____. **Punto y línea sobre el plano**. Buenos Aires. Editora Paidós, 2003.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MIGNOT, Ana. (org). **Cadernos à vista**. Escola, memória e cultura escrita. RJ: EDUERJ, 2008.

OLIVEIRA, Inês. Aprendendo com os cadernos escolares: sujeitos, subjetividades e práticas sociais cotidianas na escola. In: MIGNOT, Ana. **Cadernos à vista**. Escola, Memória e Cultura escrita. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2008, p. 129-144.